

A Nova Homilética: ouvintes como ponto de partida na pregação cristã*

Mauro Batista de Souza**

Resumo: No final dos anos 60, uma importante mudança paradigmática no campo da Homilética começou a ganhar força na América do Norte. Um grupo de homilistas e pregadores passou a questionar a eficácia dos tradicionais métodos discursivo-dedutivo-explanatórios de prédica, centralizados na pessoa de quem prega, em responder às acusações de que o púlpito cristão havia se tornado extremamente irrelevante. De carona com a pesquisa bíblica e hermenêutica da época sobre a importância das narrativas na vida das pessoas, aquele grupo de homilistas, liderados por Fred. B. Craddock e Eugene L. Lowry, buscou resgatar para dentro da pregação cristã teorias indutivas e narrativas, constituindo o que passou a se chamar de “Nova Homilética”.

Resumen: Al final de los años sesenta, un importante cambio en el campo de la homilética comenzó a ganar fuerza en América del Norte. Un grupo de homilistas y predicadores pasó a cuestionar la eficacia de los tradicionales métodos discursivo-deductivo-explanatorio de la prédica, centralizados en la persona de quien predica, en responder a las acusaciones de que el púlpito cristiano se había tornado extremamente irrelevante. Valiéndose de la pesquisa bíblica y hermenéutica de la época, sobre la importancia de las narrativas en la vida de las personas, aquel grupo de homilistas, liderados por Fred. B. Craddock y Eugene L. Lowry, buscó rescatar para dentro de la predicación cristianas teorías inductivas y narrativas, constituyendo lo que pasó a llamarse de “Nueva Homilética”.

Abstract: At the end of the sixties, an important paradigmatic change in the field of Homiletics began to gain strength in North America. A group of homiletics professors and preachers began to question the efficacy of the traditional discursive-deductive-explanatory methods of preaching, centered on the person who preaches, in answer to the accusations that the Christian pulpit had become extremely irrelevant. Piggy backing on the biblical research and hermeneutics of the time dealing with the importance of the narratives in the lives of the people, that group of homiletic professors, led by Fred B. Craddock and Eugene L. Lowry, sought to bring back into Christian preaching inductive and narrative theories, constituting what came to be called “New Homiletics”.

* Ou: “De discursos absolutamente precisos a cochichos meramente esperançosos”.

** P. Dr. Mauro B. de Souza é professor de Culto/Liturgia na Escola Superior de Teologia (EST), em São Leopoldo, RS.

Introdução

No final dos anos 60, uma importante mudança de paradigma no campo da homilética começou a emergir na América do Norte. Até então, era comum a percepção de que o elemento mais importante na pregação¹ cristã era o *conteúdo*. A partir daquele momento histórico, no entanto, um outro elemento foi resgatado para dentro da práxis homilética: o elemento da *forma*. Essa guinada radical fez com que a disciplina de Homilética expandisse os modelos dedutivo-discursivo-explanatórios de prédica, centralizados basicamente na pessoa que *faz* a pregação, em direção a teorias e modelos indutivo-narrativos, orientados a partir de e para quem *ouve* a pregação.

Um bom número de pregadores e professoras de Homilética passou a colocar em dúvida a eficácia do tradicional método dedutivo-propositivo de prédica. Esse tipo de pregação, cujo objetivo central é persuadir as pessoas ouvintes provando uma tese (uma idéia, um ponto, um tópico, uma verdade, uma doutrina, etc.), é bastante dependente da autoridade de quem prega. Homilistas começaram a questionar a capacidade desse tipo de pregação em responder às demandas de uma sociedade que havia se tornado extremamente indiferente a qualquer tipo de autoridade – especialmente a autoridade da Igreja e das pessoas pregadoras –, como era o caso da sociedade norte-americana.

Fred B. Craddock, um homilista protestante pertencente ao grupo acima mencionado, foi o porta-voz de uma alternativa a esses modelos tradicionais de prédica. Tal proposta alternativa se tornou bastante influente e abriu novos rumos na pesquisa e no ensino da disciplina. O modelo homilético que Craddock compilou, conhecido como *pregação indutiva*, tem por objetivo principal convidar as pessoas ouvintes a tomar parte no desenrolar da prédica e permitir que haja espaço para que cheguem às suas próprias conclusões. No coração da proposta de Craddock está a convicção de que, sendo comunicação oral, a prédica pertence a todas as pessoas que a ouvem².

Ao argumentar que a prédica devesse ser completada no ouvido dos

1 Entendo por pregação cristã todas as formas pelas quais a Igreja participa da missão de Deus, anunciando a Sua vontade e denunciando aquilo que vai contra ela. São exemplos de pregação: a liturgia toda, a diaconia, os programas de rádio, TV, jornal, os paramentos, a catequese/ensino, a exortação mútua, a vivência, o silêncio, os sinos. Prédica é um tipo específico de pregação; prédica é uma reflexão religiosa dirigida a uma comunidade reunida em oração, que segue a leitura de uma ou mais passagens bíblicas e tem vínculo litúrgico com o culto. Homilética, por sua vez, é uma disciplina da Teologia Prática que se ocupa com a reflexão sobre a pregação da Igreja.

2 CRADDOCK, Fred B. **Preaching**. Nashville: Abingdon Press, 1985. p. 31.

ouvintes e não nos lábios da pregadora³, Craddock colocou a pessoa que ouve no centro e como ponto de partida na teoria homilética. Pode-se dizer, então, que a homilética evoluiu de “técnica para conseguir alguma coisa falada” para “arte de obter alguma coisa ouvida”. Craddock defendia enfaticamente que as pessoas ouvintes têm o direito democrático de participar de todo o desenvolvimento da prédica e não ser meramente “servidas” com a conclusão do pregador. Ronald Bearden dá a Craddock o crédito de ter introduzido na homilética a necessidade de “dar atenção às pessoas ouvintes, ao contrário da então centralidade da teologia e da palavra pregada”⁴.

O tipo de prédica que passou a ser questionado por Fred Craddock e seus colegas especialistas em homilética pode ser caracterizado como modelo homilético tradicional (ou clássico). Nesse modelo, entende-se que o que as pessoas que pregam buscam (e supostamente encontram) na Bíblia é uma *idéia* a ser pregada⁵. Uma vez que essa idéia é encontrada, o texto bíblico (em toda a sua complexidade e multiplicidade de possíveis mensagens e experiências) pode ser deixado de lado, já que o tema central foi destilado⁶. A partir daí, esse tema deve ser “passado” às pessoas ouvintes. Ou seja, a pessoa que prega vai até a Bíblia, encontra lá o que conclui ser a idéia central e procura transmitir essa idéia a seus ouvintes, sem que esses tenham a chance de pensar ou concluir com seus próprios esforços. Um sintoma que detecta quando uma prédica está embasada em modelos tradicionais é quando ela é introduzida com uma afirmação geral (“hoje quero falar sobre o amor de Deus...”) que é dividida, a partir dali, em pontos (“em primeiro lugar... em segundo lugar, etc.”)⁷.

3 Craddock chega a afirmar que a Palavra de Deus não está localizada nas páginas [da Bíblia] nem nos lábios [de quem prega], mas nos ouvidos [de quem ouve]. CRADDOCK, Fred B. *The Sermon and the Uses of Scripture*. **Theology Today**, n. 42, p. 14, Apr. 1985.

4 BEARDEN, Ronald O. To Tell or Not to Tell: Theological Implications in Open-Ended Narrative Preaching. **The Asbury Theological Journal**, v. 55, n. 2, p. 9, Fall 2000.

5 O surgimento e desenvolvimento da imprensa contribuíram bastante na propagação das idéias teológicas do movimento da Reforma protestante. Como consequência histórica da importância da imprensa na reflexão teológica, o texto escrito e sua lógica têm exercido grande influência na maneira pela qual pregadores e pregadoras pensam a prédica. Homilista luterano estadunidense, Richard Jensen afirma: “Nossa tradição literária nos treinou a encontrar idéias na Bíblia e a formatá-las de maneira lógica para a pregação”. JENSEN, Richard. **Thinking in Story: Preaching in a Post-literate Age**. Lima, OH: CSS Publishing Co., 1993. p. 96.

6 Um dos principais problemas da pregação proposicional, para David Bartlett, é que ela “parece espremer textos ambíguos e multifacetados em pontos claros demais e transformar narrativas em argumentos puramente racionais”. BARTLETT, David. *Story and History: Narrative and Claims*. **Interpretation**, v. 45, n. 3, p. 231, July 1991.

7 Não tenho a menor intenção de descartar aquilo que chamamos de “modelo tradicional de prédica”. Muito pelo contrário, pois quanto maior a variedade e diversidade de métodos na pregação, menores as chances de que o grande pecado homilético da chatice seja cometido. Além disso, tenho a firme

Além de inúmeros artigos, comentários bíblicos e estudos exegéticos, Fred Craddock publicou, ao longo de seu ministério docente, três livros importantes para a disciplina de Homilética. *As One Without Authority* (traduzindo livremente seria algo em torno de “Como alguém sem autoridade”), publicado em 1971, *Overhearing the Gospel* (“Ouvindo o Evangelho por acaso”), em 1978, e *Preaching* (“Pregação”), liberado em 1985. Seu livro mais importante, o primeiro, considerado a obra que desencadeou e deu voz ao movimento chamado “Nova Homilética”⁸ foi dedicado à discussão em torno da questão da autoridade e da importância da forma (e não apenas do conteúdo) no labor homilético.

Em *As One Without Authority*, Craddock deu um puxão de orelhas bem grande em seus colegas pregadores, homilistas e líderes eclesiais da América do Norte. Ele detectou com precisão que um dos principais motivos pelos quais o púlpito – e, em consequência, o discurso da Igreja – havia perdido seu lugar de prestígio e poder na sociedade estava no fato de que a forma, o método (o “como” pregar) havia sido separado de seu conteúdo (“o que” pregar). Ou seja, sabia-se sobre o “que” pregar, mas dava-se pouca ou nenhuma atenção ao “como” pregar. Esse divórcio entre forma e conteúdo na prédica era fatal, porque falhava em não reconhecer a teologia implícita no método de comunicação⁹. Craddock propunha veementemente que forma e conteúdo são inseparáveis na prédica, porque *como se prega é*, em grande parte, *o que se prega*¹⁰.

No seu segundo livro de homilética, Fred Craddock não mudou de idéia sobre a relação intrínseca que existe entre forma e conteúdo em qualquer evento comunicativo. Antes o contrário, pois ele retomou o tema com mais força ainda em *Overhearing the Gospel*. Ele afirmava novamente que, enquanto a Cristandade concentrou sua atenção no “quê” da fé, ela esqueceu completamente o “como”, e esse fato apontava para um certo desres-

convicção de que Deus utiliza qualquer método homilético para abençoar, libertar, curar e salvar pessoas.

8 Mesmo que Richard Eslinger afirme ter sido o primeiro a usá-lo (veja o prefácio do seu livro **A New Hearing: Living Options in Homiletic Method**. Nashville: Abingdon Press, 1987), o termo “New Homiletic” foi forjado por David J. Randolph, em sua palestra na Universidade de Princeton em 1965, no primeiro encontro do que mais tarde se tornaria a Academia Americana de Homilética. RANDOLPH, David J. Can Preaching Matter? **The Academy of Homiletics: Papers of the Annual Meeting: Philosophy, Theology, and Preaching**. Claremont, CA, Dec. 4-6, 2003. p. 145.

9 CRADDOCK, Fred B. **As One Without Authority**. St. Louis: Chalice Press, 2001. p. 5. Revised and with new sermons. Ver também p. 43 e 114.

10 CRADDOCK, 2001, p. 44. O grande guru da comunicação, Marshall McLuhan, já defendia que “o meio é a mensagem”, [*the medium is the message*]. McLUHAN, Marshall. **Understanding Media: The Extensions of Man**. Cambridge, London: MIT Press, 2002 [1964]. p. 7.

peito para com as comunidades ouvintes, entendidas como meras receptoras passivas de uma mensagem. Essa falta de consideração certamente contribuiu para que o discurso da Igreja como um todo e, de maneira especial, a fala proveniente do púlpito se tornassem mais e mais irrelevantes. Não é demais enfatizar mais uma vez que, para Craddock, “como” se faz já é o “que” se faz¹¹.

O que é essencialmente importante é que a prédica volta a ser entendida como um acontecimento oral, e não mais meramente literário. Prédica é um evento – ela acontece no tempo (durante doze, quinze, vinte minutos do culto, da missa, da celebração) e não no espaço (da página escrita de quem prega). Prédica, é bom convencionar, só passa a existir no momento em que ela é performada. Prédica é muito mais o resultado final, aquilo que é ouvido, do que as palavras escritas ou mesmo ditas por quem prega¹². Assim, o que realmente interessa para uma boa prédica é que ela tenha movimento, isto é, que ela se mova no tempo. Para Craddock, esse movimento deve ser indutivo, partindo sempre do menor, do particular, para o maior, para o geral.

Os tradicionais métodos discursivo-dedutivo-propositivo-explanatórios de prédica falham neste aspecto, porque são bastante dependentes da textualidade. Trata-se de métodos que, por via de regra, seguem a lógica de textos científicos, acadêmicos, que é basicamente uma lógica dedutiva. Prédicas são pensadas e confeccionadas como aulas, como conferências; escritas em forma de parágrafos. No entanto, como afirmam os defensores da Nova Homilética, prédica é intrinsecamente comunicação oral, e não escrita.

A comunicação oral, cotidiana, é cheia de repetições, metáforas, estórias, piadas, contradições, etc., características na maioria das vezes desprezadas por pregadoras e pregadores que seguem os métodos dedutivo-proposicionais. Nesses últimos, busca-se acima de tudo a transmissão e o repasse de idéias ou verdades, livre de contaminações mundanas ou cotidianas.

Sem a intenção de esgotar o assunto, passo a apresentar algumas características que, de maneira geral, diferenciam os modelos tradicionais

11 CRADDOCK, Fred B. **Overhearing the Gospel**. St. Louis: Chalice Press, 2002. p. 9. Revised and expanded.

12 Nelson Kirst já escrevia isso em 1980: “Prédica não é aquilo que o pregador (emissor) dá de si: prédica é aquilo que acaba se produzindo pela interação dos diversos componentes deste sistema de comunicação”. KIRST, Nelson. **Rudimentos de homilética**. São Leopoldo: Sinodal; São Paulo: Paulinas, 1985. p. 32.

de prédica dos modelos mais contemporâneos, representados pela Nova Homilética. Faça essa diferenciação com propósitos explicitamente didáticos e não em tom julgador.

<i>Modelos tradicionais de prédica (Homilética Clássica)</i>	<i>Modelos contemporâneos de prédica (Nova Homilética)</i>
1. ponto de partida: pessoa que prega ou o texto bíblico	1. ponto de partida: ouvinte
2. objetivo: persuadir (fazer-se acreditar); transmitir (a mensagem); servir (uma conclusão)	2. objetivo: dar oportunidade para que as pessoas ouvintes pensem seus próprios pensamentos e cheguem às suas próprias conclusões
3. conteúdo: idéias (verdades, doutrinas, instruções a serem seguidas)	3. conteúdo: estórias, narrativas, tramas, situações concretas
4. linguagem: clara, dicotômica, segue princípios da escrita, pouca ou nenhuma redundância	4. linguagem: poética, oral, redundante
5. forma: dedutiva, proposicional, discursiva, explicatória, unidirecional, lógica, conclusiva	5. forma: indutiva, narrativa, indireta, sugestiva, dialogal, uso de suspense
6. pregador/a: autoridade (fala por Deus, especialista em Bíblia, conhece)	6. pregador/a: testemunha do texto bíblico (narrativa bíblica): conta o que viu, ouviu, sentiu durante seu encontro com o texto
7. ouvinte: passivo/a (recebe a conclusão do/a pregador/a)	7. ouvinte: ouve ativamente, participa das decisões e conclusões

Propus a diferenciação acima com a consciência de que não existe pureza total em homilética. Um modelo de prédica certamente contém traços de outros modelos e vice-versa. Também não é possível adotar uma postura maniqueísta e separar métodos bons de métodos ruins. Todo método homilético tem seu valor, pois o resultado final, aquilo que a prédica faz, não depende somente das pessoas – depende de Deus acima de tudo. Descrevo, a seguir, as principais características da homilética indutiva de Fred Craddock.

1 - Pregação indutiva

O argumento mais importante que Fred Craddock defende na Nova Homilética tem a ver com o movimento que a prédica desenvolve quando é performada¹³. Devido ao fato de que uma prédica é um evento oral, seu potencial de eficácia depende muito do movimento que ela segue. De acordo com Craddock, há duas direções básicas em que o pensamento humano se move: dedução e indução¹⁴. Dedução é o movimento que parte de uma afirmação geral (notadamente abstrata) e se move até as aplicações particulares ou experiências concretas. Movimento indutivo, ao contrário, parte das experiências concretas e aplicações particulares e se move até a afirmação ou verdade geral¹⁵.

De forma gráfica, podemos visualizar os movimentos dedutivo e indutivo da seguinte forma:

movimento dedutivo

verdade geral



aplicações concretas
e particulares

movimento indutivo

experiências particulares



verdade geral
ou conclusão

Homileticamente, dedução significa começar a prédica com a tese central (conclusão, mensagem, verdade, doutrina) e seguir para pontos menores ou teses secundárias que visam apoiar e provar a tese central. Os pontos menores podem ser divididos em itens ainda menores que, finalmente, são “aplicados” à situação vivencial das pessoas ouvintes. A representação abaixo procura mostrar o possível esquema de uma prédica dedutiva:

13 Performada: quando lhe é dada forma; quando ela passa a existir.

14 CRADDOCK, 2001, p. 45. Obviamente, Craddock empresta esses termos do filósofo Aristóteles.

15 CRADDOCK, 2001, p. 45. Wayne Robinson descreve a diferença entre indução e dedução da seguinte forma: “No modelo dedutivo, a verdade a ser discutida, ilustrada ou provada é colocada no início. No modelo indutivo, a verdade é descoberta à medida em que as narrativas se desenvolvem e se concluem, perto do final da prédica”. ROBINSON, Wayne B. *The Samaritan Parable as a Model for Narrative Preaching*. In: _____ (Ed.). **Journeys Toward Narrative Preaching**. New York: Pilgrim Press, 1990. p. 98.

- I.
 - A.
 - 1.
 - a.
 - b.
 - 2.
 - a.
 - b.
 - B.

Um dos principais problemas da pregação que se move dedutivamente é que ela contradiz a maneira normal pela qual a comunicação oral acontece. Craddock afirma que dedução é o modo de comunicação mais artificial, mais distante do natural¹⁶. O modelo dedutivo de prédica se torna problemático, porque ele oferece a conclusão já no início: ele anuncia o destino da viagem antes mesmo da partida. Qual é a graça em ouvir uma prédica cuja conclusão já foi dada logo na primeira frase? Por acaso alguém se coça antes de sentir a coceira?¹⁷.

Muitos estilos tradicionais de pregação fazem uso da metodologia dedutiva, e esse fato é denunciado na Nova Homilética com pelo menos mais três argumentos importantes. O primeiro está relacionado a um certo mau uso das Escrituras. Richard Eslinger afirma que as passagens bíblicas usadas nos métodos dedutivos são destiladas até que revelem um resíduo temático¹⁸. Esse resíduo temático pode ser muito artificial ou até mesmo falso, uma vez que nenhuma exegese pode garantir com precisão exata a intenção de quem escreveu o texto. “Ou então, servindo como ilustrações”, Eslinger acrescenta, “textos bíblicos são entendidos como meramente ornamentais ao argumento central já decidido”¹⁹. A argumentação de Eslinger deveria nos causar calafrios.

Os outros dois problemas detectados na pregação dedutiva pelos defensores da Nova Homilética referem-se às questões de autoridade e falta de unidade. Na pregação dedutiva, o argumento central é exposto em primeiro plano. Somente depois ele é relacionado com as pessoas ouvintes.

16 CRADDOCK, 2001, p. 46.

17 A metáfora “*itch-scratch*” [coceira-coçar] é usada por Eugene Lowry, outro homilista da Nova Homilética.

18 ESLINGER, Richard. **The Web of Preaching**: New Options in Homiletical Method. Nashville: Abingdon, 2002. p. 16.

19 ESLINGER, 2002, p. 16.

Assim, prédicas dedutivas tendem a pressupor ouvintes passivos, que estão lá meramente para serem servidos com a conclusão de quem prega. A autoridade pertence somente a quem prega.

Unidade²⁰, uma das qualidades essenciais de uma boa prédica, é muito difícil de ser obtida na metodologia dedutiva, construída hierarquicamente²¹. Como alguém que está tentando prestar atenção no item 2.b pode se lembrar da idéia defendida em ponto I (ver esquema acima)? Os riscos de quebra da unidade são bem maiores na prédica que segue o movimento dedutivo.

Não é demais reforçar que a metodologia dedutiva no labor homilético foi duramente criticada por Craddock, porque ela contradiz o movimento básico da comunicação oral, que geralmente acontece indutivamente. A metodologia dedutiva, portanto, se torna artificial, pois ninguém vive no geral; as pessoas todas vivem vidas particulares. Pelo menos do ponto de vista homilético, o “ser humano” não existe; o que existe é o João B., a Maria C., etc., isto é, pessoas concretas e particulares.

Diante de todos esses problemas observados nos modelos dedutivo-proposicionais de pregação, Craddock propôs como alternativa uma homilética indutiva. Uma prédica indutiva inicia com as particularidades das experiências concretas e convida as pessoas ouvintes a “embarcarem” em uma aventura cheia de curvas perigosas, retas, subidas acentuadas, etc., até o momento em que todos e todas conseguem enxergar o lugar para onde estão indo. No modelo indutivo, a mensagem vai sendo descoberta de forma coletiva, no desenrolar da prédica. Provoca-se a coceira, que só vai aumentando até o momento em que é possível coçar-se. Ah, que alívio...

O modelo indutivo não procura, obrigatoriamente, provar um ponto ou uma afirmação teológica. Esse tipo de prédica vai juntando os diversos pedaços de narrativas particulares até que se chegue a uma mensagem coerente no final. A finalidade do movimento indutivo é, para Craddock, “engajar as pessoas ouvintes na perseguição de um assunto ou idéia de tal forma que elas pensem seus próprios pensamentos e experimentem seus próprios sentimentos, na presença de Cristo e sob a luz do Evangelho”²². As implicações dessa mensagem são feitas automaticamente pelas pessoas ouvintes, às vezes sem que as mesmas percebam. “Se as pessoas ouvintes

20 (No sentido de que uma prédica deve estar toda unida em torno de uma mensagem apenas.)

21 (Estórias, ilustrações ou exemplos concretos são servos de pontos menores que servem aos maiores que, por sua vez, servem à tese central.)

22 CRADDOCK, 2001, p. 124.

embarcaram na prédica, a conclusão é delas, e as implicações para suas situações pessoais são não apenas claras como também inescapáveis”²³, afirma Craddock.

Pregação indutiva favorece e possibilita prédicas com final aberto. Do ponto de vista da lógica, prédicas indutivas são inconclusivas, isto é, permitem que a pessoa que ouve tire suas próprias conclusões e/ou aplicações concretas da mensagem para sua vida.

Richard Lischer descreve pregação indutiva da seguinte forma: “O método homilético indutivo não busca provar uma tese, mas montar as particularidades das experiências em uma ordem narrativa de tal forma que termine em uma mensagem coerente”²⁴. Uma prédica indutiva teria o seguinte esquema:

- b.
- a.
- 2.
- b.
- a.
- 1.
- A.
- I.

Craddock afirmava que prédicas deveriam mover-se indutivamente, do menor para o maior, e não o contrário, o que infelizmente era muito comum entre pregadores e pregadoras. Esse fato lhe causava enorme estranheza, já que o movimento usado pelas pregadoras durante a exegese e preparação das prédicas era naturalmente indutivo. Por que, então, não se usava o mesmo princípio metodológico no púlpito? Para Craddock, as pessoas que pregam poderiam ter uma melhora significativa em suas prédicas se elas, no momento da pregação, refizessem o mesmo percurso indutivo que haviam feito durante a preparação para a prédica. Não se trata de encher a prédica com informações exegéticas ou jargões teológicos, mas de seguir o princípio indutivo durante a *performance* da prédica, partindo de afirmações, constatações ou perguntas bem específicas e particulares para, a partir delas, ir crescendo até um final coerente.

23 CRADDOCK, 2001, p. 49.

24 LISCHER, Richard (Ed.). **The Company of Preachers: Wisdom on Preaching, Augustine to the Present.** Grand Rapids, Michigan, Cambridge, UK: William B. Eerdmans Publishing Co., 2002. p. 401.

O motivo principal que causa a incoerência metodológica descrita no parágrafo anterior é um certo receio, por parte de quem prega, de expor-se às incertezas da comunicação oral. Esse tipo de comunicação não é seguro como a escrita, e está bem mais aberto a “infiltrações cotidianas” e “divagações leigas”, que podem representar certos riscos para quem tem a tarefa de zelar pela pura e correta doutrina. A pergunta é: até que ponto essa “precisão” tem ajudado a manter as pessoas na Igreja?

O modelo homilético indutivo está baseado no pressuposto de que são as pessoas que ouvem, e não as que pregam, o ponto de partida da homilética. Pregação deveria ser entendida como um evento comunitário, no qual tanto as pessoas que pregam quanto as que ouvem participam ativamente²⁵. Nas palavras de Craddock: “As prédicas deveriam proceder de forma tal que as pessoas ouvintes tenham algo em que pensar, sentir, decidir, e até fazer durante o desenrolar das mesmas”²⁶.

Os seguintes elementos são essenciais em qualquer prédica indutiva²⁷:

1. experiências concretas e particulares;
2. tanto conteúdo quanto forma devem respeitar o direito dos/as ouvintes de participar da prédica e, se assim desejarem, chegar a uma conclusão com suas próprias forças;
3. quem ouve deve ter a chance de completar a prédica, tirar as conseqüências da mensagem para a sua vida.

Dentre as principais razões defendidas por Craddock para o uso da metodologia indutiva na homilética, duas são tão simples quanto importantes: a) todas as pessoas vivem indutivamente, e não dedutivamente; b) a encarnação de Jesus acontece de forma indutiva²⁸. Craddock complementa: “O movimento indutivo na prédica corresponde à maneira pela qual as pessoas experimentam a realidade e também corresponde ao jeito que as atividades de busca de solução para os problemas do dia-a-dia naturalmente seguem”²⁹.

25 A pesquisa “Culto e cultura em Vale da Pitanga” já apontava, em 1995, para o fato de que ouvir é considerado pelas pessoas que freqüentam cultos como uma de suas atividades mais importantes. As pessoas, segundo elas mesmas, “são os/as verdadeiros/as agentes do culto”. KIRST, Nelson (Coord.). “Se não fosse a religião, aonde tu iria te afirmar” (Beatriz). **Culto e cultura em Vale da Pitanga**. São Leopoldo: IEPG, 1995. p. 54.

26 CRADDOCK, 1985, p. 25.

27 CRADDOCK, 2001, p. 52-53.

28 CRADDOCK, 2001, p. 50-52.

29 CRADDOCK, 2001, p. 55.

Parte do que Craddock procura contrabalançar na distinção que faz entre indução e dedução tem a ver com a primazia homilética da vida como ela é (incerta, ilógica, imprevisível), sobre a lógica correta, a clareza total e a certeza absoluta. Isso pode se tornar um problema para pregadores e pregadoras que acreditam ter a tarefa de oferecer informações absolutamente corretas e precisas sobre a fé. Como Craddock assegura ironicamente: “Alguns pregadores e pregadoras têm uma lógica impecável; o que para eles e elas é confuso é a vida”³⁰.

A enciclopédia de homilética caracteriza a pré-dica indutiva como aquela que encoraja as pessoas ouvintes a pensar seus próprios pensamentos, sentir seus próprios sentimentos, tirar suas próprias conclusões e tomar suas próprias decisões de forma tal que elas serão as donas da mensagem. Pregação se torna uma atividade compartilhada entre a pessoa que prega e a comunidade que ouve³¹.

O modelo proposto por Craddock traz importantes implicações teológicas, eclesiais, doutrinárias e ministeriais. Cada pessoa pode tirar as suas. Mas, por exemplo, não é fácil a um pregador admitir que a verdade que ele descobriu na Bíblia pode não ser a verdade das pessoas que ouvem, especialmente quando desse pregador são exigidas e cobradas fidelidade e zelo absoluto para com as doutrinas confessionais. Da mesma forma, aquilo que no âmbito da IECLB (Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil) se convencionou chamar de “pastorcentrismo” certamente não combina com pregação indutiva. Craddock destaca:

Nestes tempos de diálogos abertos, prédicas que seguem os modelos clássicos serão cada vez menos aceitas. Este fato é assustador para muitos pregadores e pregadoras, é claro, porque no método tradicional o pregador está seguro e livre das inconveniências e ameaças do diálogo. Para tornar-se relevante, a pregadora agora precisa expor-se aos perigos da fala (e não mais do discurso). Ela não apenas confia suas palavras às pessoas ouvintes, mas se abre em direção à resposta delas. Ela acredita que, para ser completa, a pré-dica precisa das pessoas que a ouvem.³²

O pastor metodista estado-unidense Eugene L. Lowry, outro nome importante na Nova Homilética, sumariza que a guinada paradigmática iniciada com o trabalho de Fred Craddock envolve uma série de mudanças:

30 CRADDOCK, 2001, p. 61.

31 CAMPBELL, Charles L. *Inductive Preaching*. In: WILLIMON, William H.; LISCHER, Richard (Ed.).

Concise Encyclopedia of Preaching. Louisville: Westminster/John Knox Press, 1995. p. 270.

32 CRADDOCK, 2001, p. 26.

Mudança de dedutivo para indutivo, de retórica para poética, de espaço para tempo, de literatura para oralidade, de prosa para poesia, de quente para frio, de credo para hino, de ciência para arte, de lado esquerdo do cérebro para lado direito, de proposição para parábola, de discurso direto para indireto, de construção para desenvolvimento, de discursivo para estético, de tema para evento, de descrição para imagem, de ponto para evocação, de autoritário para democrático, de verdade para significado, de relato para experiência.³³

Além da pesquisa e do trabalho de Craddock, que sempre pregou de acordo com aquilo que ensinava, outros dois escritos foram fundamentais no preparo do solo no qual as sementes desse novo paradigma homilético germinariam. Em 1959, H. G. Davis, um homilista luterano, publicou *Design for Preaching* (“Modelos para prédica”). Em seu livro, Davis argumentava fortemente que conteúdo e forma deveriam andar lado a lado na pregação. Sua contribuição original é de que prédica é um organismo vivo que cresce a partir de uma idéia geradora³⁴.

A defesa que Craddock fez em favor da pregação indutiva foi importante para que as teorias narrativas fossem ganhando cada vez mais espaço dentro da Nova Homilética. Craddock define que indução é o movimento natural seguido por prédicas narrativas. O artigo *The Narrative Quality of Experience*³⁵, publicado por Stephen Crites em 1971, foi o outro trabalho acadêmico que corroborou a importância do resgate da narração para dentro das teorias e métodos homiléticos. Crites propôs que experiência humana e narração estão intimamente relacionadas. Narração (ou narrativas) é o que dá forma à experiência humana. As pessoas são, acima de tudo, a soma das suas histórias de vida.

Davis e Crites, juntamente com Craddock, quebraram as correntes que prendiam a teoria homilética e a impulsionaram a experimentar novos tempos. Parto agora para uma caracterização básica do que uma homilética narrativa compreende.

33 LOWRY, Eugene L. The Revolution of Sermonic Shape. In: O'DAY, Gail R.; LONG, Thomas G. (Ed.). **Listening to the Word**: Studies in Honor of Fred B. Craddock. Nashville: Abingdon Press, 1993. p. 96.

34 DAVIS, Henry Grady. **Design for Preaching**. Philadelphia: Fortress Press, 1958. p. 157.

35 CRITES, Stephen. The Narrative Quality of Experience. **Journal of the American Academy of Religion**, n. 39, p. 291, 1971.

2 - Homilética narrativa

Fred Craddock argumentou tão convincentemente em favor da pregação indutiva que se criou um amplo jardim para que a homilética narrativa florescesse. Indução é, de fato, o movimento natural seguido por prédicas narrativas, que se movem sempre do menor para o maior, do particular para o geral. Pregadores que se interessaram por prédicas indutivas automaticamente se apaixonaram por prédicas narrativas. Thomas Long escreve: “Através da indução, pregadores não apenas podiam contar histórias em suas prédicas, mas podiam dar a elas a possibilidade de se moverem como as histórias”³⁶.

Eugene Lowry é um dos mais importantes defensores da homilética narrativa. Seu método, a “trama homilética”³⁷, tem sido muito bem aceito desde seu surgimento, no início dos anos 80. Lowry argumenta que pertence à homilética narrativa “toda a pregação na qual as idéias estão arranjadas sob a forma de uma trama que envolve um atraso estratégico da resolução preparada pela pessoa que prega”³⁸. Esse “atrasar estrategicamente” significa, para ele “segurar, esconder, manter sob suspense um elemento, uma imagem, uma afirmação, uma pista crucial, sem a qual nada é resolvido na pregação”³⁹. Esse elemento esclarecedor, obviamente, é fornecido perto do final da pregação, dando-lhe um desfecho evangélico (no sentido literal de uma “boa notícia”). Caso contrário, a pregação correria o risco de tornar-se legalista, confusa ou mesmo inacabada.

De acordo com Lowry, uma homilética narrativa está embasada nos seguintes princípios⁴⁰:

1. no movimento basicamente indutivo do trabalho exegético bíblico;
2. no poder da forma narrativa experimentada em gêneros literários como drama, histórias curtas e novelas;
3. na forma essencialmente narrativa da experiência humana;
4. no poder da história como veículo primário da revelação de Deus;

36 LONG, Thomas G. Form. In: WILLIMON, William H.; LISCHER, Richard (Ed.). **Concise Encyclopedia of Preaching**. Louisville: Westminster/John Knox Press, 1995. p. 150.

37 Do original “*Homiletical Plot*”.

38 LOWRY, Eugene L. Narrative Preaching. In: WILLIMON, William H.; LISCHER, Richard (Ed.). **Concise Encyclopedia of Preaching**. Louisville: Westminster/John Knox Press, 1995. p. 342.

39 LOWRY, Eugene L. **The Sermon**: Dancing the Edge of Mystery. Nashville: Abingdon Press, 1997. p. 59.

40 LOWRY, 1995, p. 343-344.

5. na forma essencialmente narrativa do cânone bíblico (com passagens não narrativas servindo às grandes histórias bíblicas);
6. na mudança significativa no entendimento do objetivo da pregação de convencer através de argumentos puramente racionais em direção a um evento temporal através da participação, identificação e engajamento.

Henry Mitchel, famoso pregador e participante da luta pelos direitos civis de afro-americanos, argumenta que histórias, imagens ou outras representações simbólicas são mais inteligíveis e mais precisas. “Um dos segredos homiléticos mais bem guardados”, ele acrescenta, “é que nossas vidas estão repletas de lugares e experiências sagradas”⁴¹.

Por causa de suas similaridades, os termos “contar histórias” e “narrar ou narrativa”, muitas vezes, têm sido objeto de confusão. Prédicas narrativas não são simplesmente prédicas que contêm histórias; prédicas narrativas são estruturadas ou pensadas segundo as etapas comumente presentes nas tramas, ou seja, elas partem de um conflito inicial, passam pelo aumento do conflito, apresentam uma reversão do conflito e chegam finalmente a um final.

Para Lowry, a diferença entre prédicas com histórias e prédicas narrativas está no uso da trama. Qualquer tipo de pregação pode conter uma ou mais histórias; mas uma pregação narrativa segue sempre os princípios da trama. De acordo com Lowry, a pregação com trama sempre – de um jeito ou de outro – começa com uma discrepância ou conflito que segue, então, para a escalada e complicação do conflito (as coisas pioram ainda mais). Dali, a pregação se move em direção a uma guinada brusca ou reversão e, finalmente, chega a uma solução ou fechamento⁴².

Thomas Long resume com muita propriedade como as narrativas se movem. “De maneira bem simples, narrativas têm início (onde o contexto é apresentado e alguma coisa intrigante acontece), meio (onde as coisas se tornam ainda mais complicadas) e final (onde a solução é alcançada ou, pelo menos, antecipada).”⁴³

O parentesco entre pregação indutiva e pregação narrativa é bastante próximo. Geralmente, tramas narrativas seguem o movimento indutivo, pelo

41 MITCHELL, Henry H. *Celebration and Experience in Preaching*. Nashville: Abingdon Press, 1990. p. 88-90.

42 LOWRY, 1997, p. 23.

43 LONG, 1995, p. 150.

menos até bem perto do final, quando elas podem partir para a dedução (lembrem-se: prédicas indutivas começam com os particulares e vão crescendo até que se chegue a uma mensagem final). Existe, no entanto, uma diferença entre essas duas concepções de pregação. De acordo com Lowry, o objetivo da pregação indutiva é ir aumentando sucessivamente o grau de clareza (e assim diminuindo o conflito); a trama se move na direção oposta, adicionando mais e mais conflito (e, portanto, menos clareza) à prédica⁴⁴, até o momento da reversão, onde uma resolução do conflito precisa ser apresentada.

Eugene Lowry dedicou grande parte de suas pesquisas para entender a essência da pregação narrativa. Ele argumenta que a maioria dos pregadores é treinada para pensar prédicas dentro de categorias espaciais, isto é, prédicas são entendidas como espaços para expor idéias previamente organizadas. No entanto, para Lowry, prédicas têm muito mais a ver com tempo (o que sugere movimento, verbos, experiências) do que com espaço (que, por sua vez, sugere inércia, substantivos, idéias). Lowry chega a definir prédica como “uma forma ordenada de tempo que se move”⁴⁵. As parábolas de Jesus são um excelente exemplo de organização de experiências no tempo⁴⁶. Tempo e experiência (como opostos de espaço e idéias) são duas categorias essenciais para a homilética narrativa.

Baseado em seu entendimento temporal de homilética narrativa, Lowry propõe dois grupos de imagens, que ele entende como sendo imagens inconscientes e mascaradas de prédica⁴⁷:

44 LOWRY, 1993, p. 99.

45 LOWRY, Eugene L. **Doing Time in the Pulpit: the Relationship Between Narrative and Preaching**. Nashville: Abingdon Press, 1985. p. 8.

46 LOWRY, 1985, p. 14. Fred Craddock também sugere que as parábolas de Jesus sejam um ótimo exemplo de discurso indireto. Elas não são designadas para transmitir informações, mas para capturar a atenção, envolvimento pessoal e para permitir reflexão. CRADDOCK, 2002, p. 62.

47 LOWRY, 1985, p. 27. As categorias “tipos de prédica” e “paradigma” são contribuições deste autor à teoria de Lowry.

É importante perceber que a distinção que Lowry faz entre as duas imagens de prédica tem objetivos meramente pedagógicos. Ele não está interessado em aprofundar uma visão dicotômica que define este ou aquele método como certo ou errado. Aliás, tanto Lowry quanto Craddock defendem a necessidade da variedade em métodos homiléticos, visão que eu compartilho totalmente.

Prédica como meio de:

	comunicar idéias	proporcionar experiências
tarefa	organizar	dar forma, performar
forma	estrutura	processo
foco	tema	eventos, acontecimentos
princípio	substância, conteúdo	resolução
produto	índice (pontos)	trama
meio	lógica, clareza	ambigüidade, suspense
objetivo	explicar, entender	acontecer, fazer, proporcionar
tipo de prédica	expositiva, dedutiva, explanatória, topical	indutiva, narrativa
paradigma	textualidade, literatura	oralidade

Quando a prédica é entendida como sendo a organização de idéias, quem prega precisa ter controle sobre essas idéias para que a unidade seja obtida. O domínio da verdade se torna um imperativo. Essas prédicas tendem a apresentar uma estrutura vertical, haja vista que as idéias secundárias precisam estar subordinadas à verdade central. Esse tipo de prédica tende a ser imperativa e pressupor, como consequência, ouvintes passivos (que, pelo menos de acordo com a pesquisa “Culto e cultura em Vale da Pitanga”, não existem)⁴⁸.

A prédica entendida como organização de idéias no espaço depende da substância, do conteúdo sobre o qual ela discorrerá. Já a prédica vista como o dar forma a um processo de eventos busca conduzir os ouvinte a um destino, à resolução de um conflito⁴⁹. No primeiro caso, é possível reduzir a prédica a uma única sentença, o que é bastante difícil na segunda opção.

O mais importante no quadro de Lowry é a diferenciação que ele faz entre *idéias* e *experiências*. Prédicas podem expor idéias (a serem aceitas ou não) ou podem criar experiências (a serem vivenciadas ou não). Ou seja, uma prédica pode defender a idéia de que “Deus é amor” e as pessoas po-

48 Ver nota 26 deste artigo.

49 LOWRY, 1985, p. 19-23.

dem vir a acreditar que Deus é amor. Uma outra prédica, no entanto, pode levar as pessoas ouvintes a experimentar o amor de Deus em suas vidas (através de exemplos concretos). A diferença é gritante.

Conclusão

Fred Craddock é o homilista responsável por resgatar a importância central da pessoa ouvinte para dentro da teoria e prática da homilética. Além de perfurar uma porta para dentro do mundo da homilética narrativa, seus estudos sobre a pregação indutiva colocam o/a ouvinte – não quem prega ou a prédica em si – no centro da teoria homilética. Prédica é uma atividade comunitária na qual participam ativamente tanto ouvintes quanto pregadoras. Ouvintes são valorizados e respeitados como seres humanos inteligentes capazes de alcançar conclusões teológicas e práticas com suas próprias forças. A pregação indutiva é mais humanizante que a dedutiva no sentido de que ela entende os ouvintes como sujeitos que têm o direito de abrir-se ou não para a prédica e com o direito de concordar ou não com a conclusão de quem prega. Craddock mesmo coloca da seguinte forma: “Cada pessoa tem o direito de ser humana em plenitude, e isto significa o direito de escolher por ela mesma”⁵⁰.

Eugene Lowry, por sua vez, aceitou o convite que Craddock fez para um novo paradigma homilético e participou ativamente com poder, criatividade e visão interdisciplinar. A contribuição de Lowry para a teoria homilética se expandiu a partir da sua “trama homilética” para um trabalho bem mais amplo em homilética narrativa. No seu entendimento, ouvintes são convidados e convidadas a participar de uma busca homilética tanto intelectual quanto prática que captura seus corações, acaricia poderosamente suas mentes e as empurra gentilmente para uma solução nascida do Evangelho.

A partir do trabalho de Fred Craddock e Eugene Lowry, um bom número de homilistas passou a buscar idéias absolutamente inovadoras e adubá-las para que gerassem frutos no campo da homilética. Com o passar dos anos, começou-se a falar em prédica através de expressões como “contando a estória” (Richard Jensen), “tecendo a prédica” (Christine Smith), “testemunhando a voz do texto bíblico” (Thomas Long), “performando a palavra” e “dar a luz à prédica” (Jana Childers), “pregada através das dife-

50 CRADDOCK, 2001, p. 16.

renças culturais” (Thomas Rogers), “dando nome à graça de Deus” (Mary Hilkert), “prédica como arte e trabalho manual” (Walter Burghardt).

O que nem Craddock nem Lowry fizeram, pelo menos não diretamente, foi aprofundar a questão do contexto e sua relevância para a teoria e prática homilética. Essa tarefa está diante de nós hoje, que vivemos num mundo globalizado, altamente tecnológico, mas que é incapaz de superar as velhas contradições (classe social, gênero, raça, opção sexual, etc.); um mundo totalmente dominado por amantes de Mamom que obviamente não conseguem nem querem amar a Deus.

Os ventos que sopraram há algumas décadas no norte das Américas estavam encorajando pregadoras e homilistas a agarrar-se não mais em precisão e certeza literárias e teológicas, mas voltar-se à narração, poesia, mistério, incertezas. Minha sugestão é que nós também – pregadoras e pregadores latino-americanos/os – passemos a compreender a prédica como algo que não acontece na boca de quem fala nem na página de um texto escrito, mas no ouvido, e daí no coração, na mente e nas entranhas de quem ouve. Trata-se, quem sabe, da busca por menos discursos absolutamente precisos e mais cochichos meramente esperançosos.

Referências

- BARTLETT, David. Story and History: Narrative and Claims. **Interpretation**, v. 45, n. 3, p. 229-240, July 1991.
- BEARDEN, Ronald O. To Tell or Not to Tell: Theological Implications in Open-Ended Narrative Preaching. **The Asbury Theological Journal**, v. 55, n. 2, p. 5-15, Fall 2000.
- CAMPBELL, Charles L. Inductive Preaching. In: WILLIMON, William H.; LISCHER, Richard (Ed.). **Concise Encyclopedia of Preaching**. Louisville: Westminster/John Knox Press, 1995. p. 270-272.
- CRADDOCK, Fred B. **As One Without Authority**. St. Louis: Chalice Press, 2001. Revised and with new sermons.
- _____. **Overhearing the Gospel**. St. Louis: Chalice Press, 2002. Revised, expanded.
- _____. **Preaching**. Nashville: Abingdon Press, 1985.
- _____. The Sermon and the Uses of Scripture. **Theology Today**, n. 42, p. 7-14, Apr. 1985.
- CRITES, Stephen. The Narrative Quality of Experience. **Journal of the American Academy of Religion**, n. 39, p. 291-311, 1971.

- DAVIS, Henry G. **Design for Preaching**. Philadelphia: Fortress Press, 1958.
- ESLINGER, Richard. **A New Hearing: Living Options in Homiletic Method**. Nashville: Abingdon Press, 1987.
- _____. **The Web of Preaching: New Options in Homiletical Method**. Nashville: Abingdon Press, 2002.
- JENSEN, Richard A. **Thinking in Story: Preaching in a Post-literate Age**. Lima, OH: CSS Publishing Co., 1993.
- KIRST, Nelson. **Rudimentos de homilética**. São Leopoldo: Sinodal; São Paulo: Paulinas, 1985.
- _____. (Coord.). “Se não fosse a religião, aonde tu iria te afirmar” (Beatriz). **Culto e cultura em Vale da Pitanga**. São Leopoldo: IEPG, julho de 1995.
- LISCHER, Richard (Ed.). **The Company of Preachers: Wisdom on Preaching, Augustine to the Present**. Grand Rapids, Michigan, Cambridge, UK: William B. Eerdmans Publishing Co., 2002.
- LONG, Thomas G. Form. In: WILLIMON, William H.; LISCHER, Richard (Ed.). **Concise Encyclopedia of Preaching**. Louisville: Westminster/John Knox Press, 1995. p. 144-151.
- LOWRY, Eugene L. **Doing Time in the Pulpit: The Relationship Between Narrative and Preaching**. Nashville: Abingdon Press, 1985.
- _____. **The Sermon: Dancing the Edge of Mystery**. Nashville: Abingdon Press, 1997.
- _____. Narrative Preaching. In: WILLIMON, William H.; LISCHER, Richard (Ed.). **Concise Encyclopedia of Preaching**. Louisville: Westminster/John Knox Press, 1995. p. 342-344.
- _____. The Revolution of Sermonic Shape. In: O’DAY, Gail R.; LONG, Thomas G. (Ed.). **Listening to the Word: Studies in Honor of Fred B. Craddock**. Nashville: Abingdon Press, 1993. p. 93-112.
- McLUHAN, Marshall. **Understanding Media: The Extensions of Man**. Cambridge, London: MIT Press, 2002 [1964].
- MITCHELL, Henry H. **Celebration and Experience in Preaching**. Nashville: Abingdon Press, 1990.
- RANDOLPH, David J. Can Preaching Matter? **The Academy of Homiletics: Papers of the Annual Meeting: Philosophy, Theology, and Preaching**. Claremont, CA, Dec. 4-6, 2003. p. 137-146.
- ROBINSON, Wayne B. The Samaritan Parable as a Model for Narrative Preaching. In: _____ (Ed.). **Journeys Toward Narrative Preaching**. New York: Pilgrim Press, 1990. p. 85-105.